

Apresentação

Cristina Diógenes Souza Bezerra

Mestranda em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
cristina.dsb@gmail.com

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego

Doutorando em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
cleiton.vsr@gmail.com

A experiência brasileira de acesso a publicações científicas em periódicos tem muito a ensinar em termos de divulgação. Nossa política de acesso livre, em muito aliada ao nosso sistema de educação público e gratuito, embora sob constantes ataques da iniciativa neoliberal encampada por políticos movidos pelo poderio econômico e interesses privados, proporciona aos estudantes e pesquisadores de todos os níveis de formação o acompanhamento de pesquisas realizadas dentro e fora do país. Ao pensarmos a produção científica hoje a partir dos índices de medição de qualidade e produtividade, do crescimento da pertinência da publicação periódica para as Ciências Humanas, da problemática sempre contemporânea do financiamento e da proteção dos direitos humanos e da democracia, fica evidente a centralidade que os e as estudantes detêm em todo esse universo. Não estamos sob a rubrica do futuro, necessitamos, por outro lado, encarar o nosso presente a partir do nosso passado para construir um hoje distante da desigualdade social com engajamento político quando produzimos ciência antropológica.

É dentro dessa campanha democrática pelo conhecimento livre que a Equatorial se insere, principalmente porque é na textualização da experiência sociocultural e política que a antropologia perfaz grande parte de seu

exercício profissional, de modo que é central que estudantes possam participar da editoração de revistas acadêmicas. Organizada por discentes de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a revista, em sua curta história, procura a disseminação do saber antropológico e doutras disciplinas que dialoguem conosco através de trabalhos de autores independentemente do nível de formação desde que aprovados pelos pareceristas *ad hoc*.

A revista apresenta um importante potencial de contribuição para o contexto de publicações científicas a partir do Rio Grande do Norte. O estado tem uma longa tradição no ensino e pesquisas em Ciências Sociais. O primeiro curso de graduação foi criado em 1966 na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em Mossoró, quando a instituição ainda era municipal e se chamava “Fundação Universidade Regional” atendendo às aspirações intelectuais da elite da região; apenas oito anos depois, em 1974, que é criado o curso na capital do estado na antiga Faculdade de Sociologia e Política da Fundação José Augusto, órgão de cultura e ciência do Governo do Estado – faculdade integrada à UFRN posteriormente. Desse modo, com a consolidação da Equatorial, obtemos um espaço de aglutinação para viabilizar não apenas a publicação local, mas o incremento da entrada editorial do estado no cenário regional e nacional, longamente protagonizado e universalizado a partir do Sul/Sudeste do Brasil. Essa entrada cada vez mais fortificada é importante de ser pensada porque o mercado editorial não pode ser dissociado das relações políticas e dos contextos acadêmicos aos quais está ligado. Assim, o país tem testemunhado uma diversificação da cena editorial e de publicações na antropologia e nas ciências como um todo, cenário caracterizado pela expansão recente dos programas de pós-graduação no país, e pela evidente mobilidade nacional estudantil cada vez maior no eixo de políticas de acesso e de financiamento público para a educação das últimas décadas.

Além disso, a Equatorial contribui, decididamente, para o desenvolvimento e consolidação também dos cursos de mestrado e doutorado do PPGAS/UFRN, engajando estudantes para editoração periódica ao proporcionar um espaço de publicação, bem como apresentando mais um locus de produção antropológica e de vida acadêmica. Com o trabalho coletivo que tem caracterizado o nosso trabalho construímos uma experiência muito própria com comissões nas quais nos dividimos e nos integramos. Os *editores de seção*, figurados por todos os componentes, são responsáveis pelo recebimento dos trabalhos

e seu encaminhamento para o processamento avaliativo às cegas; já os editores da *comissão de divulgação e comunicação social*, responsáveis pela divulgação da revista pela Internet e noutros meios publicitários, trabalham ainda em conjunto para produção e identidade visual da revista com a *comissão de diagramação*, responsável pela diagramação do produto final. Além disso, outro grupo de estudantes compõe a *comissão geral*, responsável pelo acompanhamento do trabalho de todas as comissões e de todo o processo de construção do número a ser publicado, observando as diretrizes da revista, os dispositivos legais e a inserção da revista no meandro editorial. Tudo isso é supervisionado por uma docente do PPGAS, atualmente a profa. Dra. Angela Mercedes Facundo Navia, engajada conosco na construção de um periódico estudantil fortemente marcado pelo trabalho coletivo e pela excelência acadêmica.

Com esse número, a Equatorial tem passado por uma reestruturação e reorganização de sua equipe, anteriormente protagonizada por alunos e alunas concluintes dos cursos do Programa que foram importantes também na transmissão de suas experiências para o novo quadro editorial. Temos aprendido fortemente, com erros e acertos, a valorizar o trabalho coletivo na construção da revista com as novidades que apresenta no âmbito da vivência acadêmica e do universo editorial. Assim, a identidade visual e a proposta editorial da Equatorial foi reformulada por Arthur Costa Novo, Fco. Cleiton Vieira do Rego e Thágila de Oliveira a partir das bases alicerçadas por Eduardo Rocha no projeto anterior, atendendo a novos recursos técnicos e à solidificação da imagem do periódico. Na nova proposta gráfica, eles e ela buscaram valorizar os espaços em branco, e, com isso, atingir uma simplicidade que seja moderna e mais próxima dum viés minimalista.

Nesse ano, pudemos também iniciar uma série de parcerias que trazem grande potencial para consolidar o nosso trabalho. Puderam participar desse número como voluntárias três revisoras técnicas em língua portuguesa e língua inglesa: a licencianda em Letras pela UFRN Dina de Azevedo, a mestra em Letras pela UFPI Isabela Souza e a mestra em Literatura Comparada pela UFRN Rita de Kássia Gomes. Além disso, a Equatorial participou do III Fórum de Revistas de Estudantes em Ciências Sociais realizado no 18º Congresso Brasileiro de Sociologia, na cidade de Brasília, DF, gerando ricas trocas e aprendizados. O Fórum teve sua primeira edição no ano de 2009 apoiado pela profa. Dra. Lígia Dabul, da Universidade Federal Fluminense, tendo sido desde então um espaço voltado à promoção do diálogo e interação entre peri-

ódicos discentes. A participação no evento proporcionou, efetivamente, uma troca de experiências concernentes à organização e às políticas editoriais, assim como promoveu a articulação política na promoção de produções científicas.

Percebemos com as discussões em Brasília algumas das dificuldades em comum enfrentadas no processo editorial estudantil, como a constante rotatividade dos estudantes, que faz com que a composição das equipes seja reiniciada a cada turma concluinte nas pós-graduações e graduações. Isso revela a necessidade de um manual de editoração e um regimento interno que possa organizar e facilitar a compreensão desse processo complexo. Outras dificuldades têm se constituído em torno do pequeno interesse ou motivação que a editoração de periódico pode deter entre discentes, e quanto a busca por pareceristas *ad hoc*. Esses, dentre outros aspectos que emergiram nesse espaço demonstraram a necessidade da continuidade do Fórum após o Congresso. Constituímos uma verdadeira rede de revistas organizadas por discentes, uma vez que percebemos a pertinência de um vínculo contínuo para alicerçar a editoração de periódicos em Ciências Sociais. A partir disso, temos planejado o lançamento, ainda para esse ano, de uma chamada pública nacional para que uma maior quantidade de revistas possa compor o Fórum. A articulação está sendo realizada por meio de reuniões virtuais nas quais demandas e dúvidas emergentes podem ser discutidas e avaliadas coletivamente.

Toda essa experiência enriquece nosso ofício e apresenta outras possibilidades de parcerias com estudantes de áreas diversas, sempre pensando na excelência da revista e no trabalho coletivo. Os desafios ainda estão à nossa frente, e os encaramos com disposição e felicidade de que estamos no caminho certo.

Nesse quarto volume os trabalhos publicados abordam desde o tema da sociabilidade no contexto urbano até a estética enquanto ação política. Refletindo também sobre lendas urbanas e rurais nas regiões amazônica e mineira, além da produção artística atrelada ao uso da ayahuasca os trabalhos permitem uma ampla consideração sobre processos identitários, de socialização, da constituição de sujeitos políticos, do imaginário social, da interação entre práticas religiosas e vida cotidiana com a imbricação entre os espaços urbano e rural. Sendo a Equatorial uma revista que valoriza a produção discente, as contribuições teóricas e empíricas publicadas nos permitem conhecer os caminhos nos quais a

antropologia brasileira contemporânea tem enveredado, percebendo por outros ângulos as realidades sociais que perpassam a formação e o cotidiano brasileiros.

Abrindo a seção livre de “Artigos” apresentamos o texto de José Muniz Falcão Neto, estudante do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, intitulado *Praça 13 de maio: do cine Eldorado aos dias atuais*, que nos leva a refletir sobre as práticas de lazer e sociabilidade na Praça 13 de Maio, na cidade de Mamanguape/PB. Se propondo a uma perspectiva comparativa e processual, o autor parte desde os anos 1960 até os dias atuais para analisar, a partir de relatos orais e fotografias, as modificações no espaço urbano, utilizando o recurso audiovisual como modo de capturar informações. Para pensar sobre os processos de sociabilidade decorrentes da inauguração do Cine Teatro Eldorado, o autor centraliza sua análise nos efeitos sobre a praça localizada em frente ao antigo cinema e se propõe a pensar as identidades e estigmas que emergem nesse cenário.

No artigo seguinte, Rudá Silva de Pinho, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, realiza em *Perspectivas espaciais sobre a construção do imaginário de medo em bairros periféricos de Belém do Pará (1950-1980)* uma análise histórica a partir dos livros publicados sobre os personagens do folclore amazônico. Isso possibilita ao leitor ter uma outra visão sobre as lendas que formulam a memória e o imaginário social do medo na cidade de Belém/PA. Ao ponderar que essa percepção mítica não é unânime devido à pluralidade cultural presente, o autor argumenta sobre a importância dessas lendas no processo de urbanização, tendo em vista que alguns seres lendários são tidos como protetores da mata. Isso permite perceber as adaptações das narrativas, seus efeitos nos modos de vida, bem como a relevância destas no espaço urbano.

O artigo *Contos de assombração e catolicismo popular: aspectos da vivência religiosa em uma comunidade mineira*, escrito por Marcelo Elias Bernardes, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de São Paulo, argumenta que a manutenção de uma prática campesina em concomitância com a religiosidade católica na cidade de Caldas/MG permite a perpetuação de determinados mitos e ritos da cultura popular na contemporaneidade. Levando em consideração a dinamicidade e o sincretismo com as matrizes africanas, indígenas, espíritas e recentemente evangélicas nos contos de assombração, é percebida sua presença no cotidiano e nas narrativas



das novas gerações. Notando que tais contos fazem parte da cultura local de uma forma geral, o autor revela que são atribuídos novos significados pelos jovens, que mantendo aspectos tradicionais recriam e dinamizam as histórias.

Em *Estética como ação política: fazendo cabeças e soltando cabelos*, Amanda Raquel da Silva, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos leva a perceber a partir do evento Encrespa Geral como uma mudança estética, tal qual é o processo de transição capilar, se revela como uma ação afirmativa da identidade negra, transformando esse elemento estético em um elemento de ativismo político, social e cultural da negritude no Brasil. Ao fazer uma pesquisa etnográfica do evento realizado na cidade de Natal/RN, a pesquisadora analisa desde relatos advindos de entrevistas até produções audiovisuais para suscitar uma reflexão sobre o cabelo crespo como um dispositivo de contestação de uma espécie de “ditadura capilar” que promove uma emergência de sujeitos sociais e políticos.

A seção livre desta edição é finalizada com o texto *O mercado do comércio justo*, de Antônio Daniel Alves Carvalho, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Sergipe, no qual é analisado teoricamente o conceito sociológico de mercado “de comércio justo” ao relacioná-lo com o contexto de ação social alternativo aos moldes convencionais. Com isso, o autor chega a questionar elementos centrais da aceção de um mercado internacional. Esse modelo alternativo é elencado por Carvalho como propício à constituição de uma outra relação, mais direta entre consumidor e produtor. Com a redução de “atravessadores”, essa forma comercial traz elementos de valorização social do mercado: preço justo, sustentabilidade, inclusão do produtor em escalas globais, entre outros. O trabalho, assim, gera uma importante contribuição às ciências sociais ao trazer escalas econômicas que se intersectam na produção da realidade local, demonstrando a criticidade de uma alternativa às relações que se focalizam cada vez mais no âmbito internacional.

Com *Pioneirismos, ativismos e (re)invenções: entrevista com Berenice Bento*, realizada por Tarcísio Dunga Pinheiro, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a seção “Entrevistas” discute a intersecção entre os espaços acadêmicos de pesquisa e o âmbito político das relações humanas que não podem ser apagados das relações e ações que dão forma à ciência. Facilmente lembrada por suas pesquisas e publicações nas áreas de gênero e sexualidade, além do campo dos feminismos, Berenice Bento

demonstra, com sua trajetória narrada e os estudos que empreende atualmente, a disposição social das relações de poder que configuram noções e práticas que marginalizam populações inteiras. Com publicações marcantes no meio brasileiro das ciências sociais, seja com sua dissertação de mestrado sobre masculinidades ou sua tese sobre as experiências transexuais, ela é figura imprescindível nos estudos sociológicos de gênero e sexualidade, os quais não limitam seu trabalho.

Na seção “Resenhas”, Antonio Matheus Rosário Corrêa, graduando em pedagogia pela Universidade Federal do Pará, apresenta-nos criticamente o livro *A educação no território amazônico: compreendendo diversidades* (2015), de autoria de Wilma de Nazaré Baía Coelho, Raquel Amorim dos Santos e Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e Silva. A obra realiza uma interessante análise dos diferentes cenários educacionais do contexto amazônico, no qual os personagens principais são as comunidades ribeirinhas e quilombolas que têm uma série de paisagens, saberes e culturas constituintes do processo educacional. O objetivo se concentra, portanto, na apresentação de um conjunto de comunidades da região, de modo a relacionar suas realidades locais aos empreendimentos educativos que poderão e deverão contemplar as vicissitudes dispostas pelos moradores.

Na reformulada seção “Ensaio Visual” apresentamos o trabalho *Etnografitti: arte e ayahuasca na zona norte do Rio de Janeiro*, de Gabrielle Dal Molin, mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Dal Molin se baseia em sua pesquisa de mestrado *Floresta Manifesta: arte e ayahuasca em contextos urbanos brasileiros*, na qual foram realizadas entrevistas com artistas visuais que desenvolviam sua arte inspirando-se na experiência ritual com o chá da ayahuasca. Tendo como cenário etnográfico o Rio de Janeiro, a pesquisadora utiliza a ideia de Etnografitti para registrar formas e personagens inspirados em representações de índios amazônicos que permitem ao leitor perceber como o símbolo é parte do mundo humano, a tal ponto que os objetos de arte podem ser vistos como pessoas.

Desse modo, buscamos nessa publicação fomentar a produção do conhecimento em antropologia, colaborando para a abrangência e propagação de pesquisas tão importantes para as ciências humanas de maneira geral. Logo, a comissão editorial agradece aos autores e as autoras, pareceristas, professores e professoras, além de todos os outros envolvidos na construção deste número. Recordamos também que a Revista Equatorial recebe contribuições originais e inéditas em fluxo contínuo.